CONTOS DE UM APRENDIZ

PROF. ROQUE FREITAS

PROF. ROQUE FREITAS

INTRODUÇÃO

Quando chega a inspiração,
É impossível dizer não,
E coloca-la no papel é obrigação.
Do contrário a ideia se esvai,
Desaparece para nunca mais,
Retornar como intuição.

A temática é sempre a mesma,
Seja em prosa ou poema,
Incentiva na busca da luz.
Apesar de ser ficção,
Faz muito bem ao coração,
Pois, o assunto é sobre Jesus.

Agradeço a Deus pela sorte,
De receber este suporte,
Para meus contos escrever.
Numa linguagem de fácil compreensão,
Retirada do coração,
Escrevo para quem quiser ler.

O autor

CONTOS DE UM APRENDIZ

INDICE

01-Um amor para sempre 03

02-Trezentos anos depois.....29

03-A velha fazenda Figueiras.....41

04-Teria sido um anjo?.....55

05-Um fenômeno espetacular.....61

06-Do outro lado do rio 68

07-O pico das ilusões.....74

08-O casarão assombrado.....78

09- Amores de outras vidas.....88

10- Uma janela e um jardim.....110

11- Cinco almas e um destino.....125

12- Do outro lado da vida.....154

13- O Convento.....169

14- Observações.....172

PROF. ROQUE FREITAS

UM AMOR PARA SEMPRE
ANO 1882

Alexandre era um rapaz de vinte e sete anos, era farmacêutico e ainda continuava solteiro por convicção. Era um jovem bonito, alto, olhos azuis, muito atraente mas, até aquela data não havia encontrado sua cara metade para engatar um romance sério.

Gostava muito do seu trabalho, tinha a própria farmácia que herdara do seu velho avô, portanto, dedicava quase todo seu tempo fazendo o que gostava. Todos os habitantes daquela pequena cidade o procuravam quando sofriam de algum mal que os remédios caseiros não conseguissem curar. Na cidade não havia hospital e, com isso, tudo era resolvido na farmácia de Alexandre, a única da cidade.

Certo dia Alexandre recebeu um convite para uma festa beneficente que seria realizada no asilo São Vicente de Paula, cuja renda seria revertida em melhorias do velho prédio que abrigava mais de vinte velhinhos.

Como era bom de coração, Alexandre pensou consigo mesmo. Vou arregaçar as mangas e vou ajudar nessa festa, tanto em trabalho como em dinheiro. Os velhinhos que lá vivem não têm com quem contar nesta vida, já foram trabalhadores, já fizeram a sua parte, agora é a vez dos mais jovens entrarem na luta para praticar a caridade tão recomendada por Jesus em sua passagem pela Terra. Não sou um grande religioso mas, acredito que tudo de bom que aqui semeamos, um dia receberemos em dobro, desde que não façamos por orgulho, por vaidade e vontade de aparecer. Jesus disse que não

devemos deixar a mão esquerda ver o que dá a direita, ou seja, não devemos ajudar os necessitados para aparecermos diante da opinião pública.

A FESTA NO ASILO

No dia aprazado, que por sinal era um domingo em que a farmácia ficava fechada, Alexandre chegou no asilo São Vicente de Paula às oito horas da manhã, com toda garra de jovem devotado ao bem, para ajudar na montagem da estrutura que ainda não estava terminada. Foi chegando e arregaçando as mangas pois, queria trabalhar no que fosse necessário. Teria o dia inteiro pela frente mas, quando a festa começasse, ele queria estar livre para poder assistir à programação do dia. Seria um evento de médio porte, com shows musicais, danças típicas, barracas de comidas e bebidas e outras atrações em que o próprio povo pudesse participar.

Alexandre trabalhou firme até o meio dia. Como estava suado, resolveu dar um pulo até sua casa para tomar um banho e trocar de roupa. Queria estar bonito para a festa.

Quando retornou para o recinto da festa, muita gente já havia chegado ao local e, corriam de barraca em barraca em busca de guloseimas. Ele fez o mesmo, não podia ser diferente e, realmente estava com fome.

Após comer o suficiente passando por várias barracas, Alexandre afastou-se um pouco do centro das atenções e resolveu sentar-se em um banco onde já havia uma linda moça sentada observando a festa.

Alexandre chegou perto e disse com educação: - Senhorita, posso fazer-lhe companhia por alguns momentos?

- Claro, respondeu Débora sorridente. Será um prazer conversar com alguém da cidade. Não moro mais aqui e realmente estou um pouco deslocada. Não conheço ninguém, vim pelo prazer de colaborar com a arrecadação em prol do asilo. – Meu avô materno viveu por alguns anos neste asilo antes de deixar a vida física. – Por isso, sempre que posso, venho trazer alguma colaboração de acordo com as minhas possibilidades. – Além da parte financeira que trago, gosto de conversar com os velhinhos. – Isso me faz matar a saudade que sinto de meu finado avô. – Na época, nossa família estava passando por dificuldades e como ele ficou doente, não tínhamos condições de cuidá-lo como ele merecia. – Então, mamãe com muita dor no coração resolveu interna-lo aqui. – Vínhamos visitá-lo todos os finais de semana. – Depois que ele partiu para a verdadeira vida, nos mudamos para outra cidade pois, eu precisava fazer faculdade e meus pais não queriam que eu fosse sozinha. – Então fomos todos juntos. – Infelizmente, alguns anos depois meus pais faleceram em um acidente e hoje eu sou médica e vivo sozinha. – Gasto a maior parte dos meus dias trabalhando para não ver o tempo passar pois, detesto a solidão.

Enquanto Débora falava de sua vida, Alexandre começou a sentir algo estranho acontecer em seu íntimo. Olhava para Débora e sentia que já a conhecia de longa data.

Mas como, pensou Alexandre, acabei de conhecê-la!

Alexandre como católico não praticante, não sabia que possuía mediunidade mas, continuou a conversa de forma amena. De repente, ele olhou para Débora e a viu com outra fisionomia, num lugar diferente daquele em que estavam. Ele não entendeu muito bem o que estava acontecendo. Ele possuía uma espécie de visão dupla, ora via o presente, ora via o passado. Ficou um pouco sem jeito mas, resolveu comentar com moça o que ele estava vislumbrando. Eram visões de um passado muito distante em que eles foram namorados. Se amavam muito, mas, Débora que na época se chamava Suzana, o trocou pelo filho de um fazendeiro abastado que lhe arrastava as asas sempre que a via. O rapaz insistiu tanto, mostrando o que o seu dinheiro podia fazer que, acabou enfeitiçando a pobre moça que resolveu optar por um casamento rico, onde ela pudesse fazer tudo o que quisesse, porém sem amor. O interesse material a cegou tanto que, ela foi capaz de apagar o seu amor por Alexandre, que na época se chamava Leonardo.

Poucos meses depois, com todas as pompas, o casamento de Suzana e Rafael foi realizado embaixo de uma frondosa paineira florida.

Leonardo que era uma jovem camponês teve que aceitar a decisão de sua amada e, afastou-se do local por alguns meses. Não suportaria ver sua amada nos braços de outro que, no fundo não tinha nenhuma qualidade moral. Era na verdade um pervertido que só casara com Suzana para acabar com a felicidade de Leonardo. Na verdade, ele não tinha nenhum amor por aquela jovem que passara uns bons bocados em suas violentas mãos.

Logo depois da lua de mel, o fazendeiro perverso começou a judiar da pobre mulher, deixando-a trancada em casa sozinha, enquanto ele seguia com suas orgias noturnas nos braços das mulheres de vida fácil.

Suzana com tanto desprezo e maus tratos foi definhando. Depois de três meses, sua beleza já não era a mesma. Estava transtornada de tanto arrependimento. Deixara o amor de sua vida por causa da ilusão da riqueza que o pretendente tinha. Sonhava com a glória mas, só encontrou tristeza e decepção.

Certo dia, Suzana assediada por espíritos inferiores e inimigos de Rafael, começou a traçar planos para acabar com a vida do prepotente e maldoso marido.

Conseguiu com muito custo, localizar no barracão da fazenda, o local onde se guardavam os inseticidas e agrotóxicos. Procurou um pouco e tomou em suas mãos um pequeno frasco de um tipo de formicida para matar os formigueiros que destruíam as plantações. Cinco gotas na comida seria o suficiente para despachá-lo deste mundo sem deixar qualquer suspeita.

Ela sabia que Rafael chegava sempre com fome em casa depois de suas horas de farras e bebedeiras. Sempre chegava gritando para que ela se levantasse e esquentasse a comida para ele saciar sua fome. Assim, com a assistência dos inimigos de Rafael que desejavam sua morte, Suzana preparou um jantar caprichado, comeu a parte que lhe cabia e, no restante ela pingou as gotas de formicida e guardou as panelas em cima do fogão.

Naquele começo de noite ela não conseguiu dormir. Aguardava ansiosamente o momento em que Rafael chegaria, sempre depois da meia noite, para que ela pudesse levantar e esquentar sua refeição. Naquele

momento, sua mente estava controlada pelos inimigos desencarnados, que se preparavam para capturar Rafael, assim que ele saísse do corpo inerte. As comemorações do lado invisível já haviam começado quando o fazendeiro chegou embriagado gritando com a pobre esposa para levantar e aquecer a comida.

Suzana que fingia estar dormindo, levantou-se de um salto, correu para a cozinha antes que ele lhe desse as bofetadas costumeiras e, acendeu o fogo rapidamente, colocando as panelas para esquentar.

O veneno fazia parte daquele banquete que Rafael comeu com voracidade, enquanto Suzana lavava as panelas para não deixar nenhum vestígio.

Pouco tempo depois, Rafael já na cama, começou a passar mal. Seu estomago dava os primeiros sintomas do envenenamento. Estava estufado, faltava-lhe o ar, os olhos esbugalhados pediam por socorro pois, já não conseguia mais falar.

Suzana correu para o quarto dos sogros que ficava nos fundos da construção e bateu firmemente na porta pedindo ajuda. Os pais de Rafael que já passavam dos sessenta anos, levantaram assustados e, encontraram a nora num pranto fingido pedindo ajuda.

- O que está acontecendo disse o sogro para Suzana?

- Rafael chegou bêbado e está passando muito mal. Precisamos levá-lo ao médico. Não sei o que aconteceu, o que ele comeu, só sei que não está bem.

- Suzana os conduziu ao seu quarto e, quando lá chegaram, já encontraram Rafael dando o último suspiro.

Não pode ser, disse o senhor Juvêncio. Ele estava tão bem hoje à tarde. – Infelizmente, quem procura acha, disse nervoso o velho fazendeiro. – Não há o que fazer. – Ele está morrendo. – Será que teve um ataque cardíaco? – Já não adianta mais levar ao médico. – Nosso filho já se foi, disse para a pobre mãe que chorava sem parar.

Suzana intuída pelas forças malignas também entra em pranto convulsivo, fazendo de conta que estava sofrendo muita aquela perda, que na verdade já ia tarde.

O ENTERRO DE RAFAEL

Enquanto o corpo de Rafael era sepultado nos sete palmos de terra, seu espírito era arrastado pelos inimigos para uma cidadela localizada no Umbral. Lá ele ficaria prisioneiro de seus antigos inimigos de uma encarnação passada que não o haviam perdoado do mal que ele os havia acometido nas guerras napoleônicas na França.

Uma pequena multidão de encarnados compareceu ao enterro de Rafael que na verdade não era muito querido pela população, devido ao seu jeito orgulhoso de ser. Ele não havia feito amigos nesta vida, pelo contrário, muitos dos que ali estavam, internamente aplaudiam o seu desaparecimento da sociedade para sempre.

No meio deles, havia apenas um jovem que, apesar de tudo que estava passando, não estava feliz com a morte do adversário. Esse era Leonardo, um rapaz simples mas, de alma nobre. Ele não guardava ressentimentos, já havia perdoado tanto a Rafael como a Suzana sua doce amada.

Precisava encontrá-la para oferecer-lhe o ombro amigo. Tinha pena de suas escolhas erradas e, estava pronto para ajudá-la naquele momento funesto. Seu amor por ela não havia acabado, de uma maneira contida ele o conservava dentro de seu peito. Queria poder vê-la bem novamente e, quem sabe até reatar o velho romance.

Esperou que a multidão se afastasse e se aproximou da sua doce amada, oferecendo-lhe o braço para saírem daquele local fúnebre e triste.

Nada acontece por acaso, falou com brandura, olhando para o rosto emagrecido de Suzana. A vida é assim, quem semeia vento, colhe tempestade. É um ditado popular mas, está de acordo com as leis do criador.

O que Leonardo não sabia é que Suzana fora totalmente infeliz durante esse curto período que viveu com Rafael. Era sempre agredida, tanto em palavras como fisicamente. Ele morrera, mas, deixara marcas profundas no coração da pobre mulher.

- Você pretende ficar na fazenda? Perguntou Leonardo com uma certa tristeza no olhar.

- Não. Respondeu Suzana mais aliviada. – Preciso sair daquele lugar onde em três meses eu sofri por uma vida inteira. – Não sei onde eu estava com a cabeça para ter te trocado por aquele traste. – Não sei se você consegue perdoar o que eu te fiz. – Joguei fora um amor verdadeiro por promessas ilusórias que não foram cumpridas. – Hoje eu sinto vergonha do que me tornei. – Uma interesseira que não soube dar valor ao amor sincero e verdadeiro que você me oferecia. – O pior Leonardo, é que nunca deixei de te amar. – Sofri remoendo de remorso pela escolha errada que fiz.

Leonardo com o mesmo carinho e atenção de sempre, respondeu com cuidado para não ferir ainda mais a suscetibilidade de Suzana. – Minha cara, o meu amor por você transcende essa existência. – Estamos ligados há muitos milênios. – Não lhe tenho nenhum rancor ou desejo de vingança pois, dentro do meu coração eu continuo te amando. – A princípio me afastei para longe tentando sofrer menos a separação. – Porém, nada adiantou. – Então resolvi perdoar e esquecer a desventura, ou seja, tentei acalmar o meu coração. – Não a vi mais depois do casamento. – Fiquei preocupado com seu bem estar pois, sempre via o Rafael altas horas da noite saindo daquele bordel abraçado com aquelas mulheres que lá se enlameiam na podridão.

Mesmo de longe, algo me dizia que as coisas não iam bem para você. – Só que eu não podia nada fazer. – Tinha que aguardar o tempo passar, para ver que decisão você tomaria no futuro. – Por isso estou aqui. – Quero te ajudar a esquecer esse episódio triste que se passou no palco de nossas vidas.

Leonardo nesse momento estava envolvido por uma entidade de luz que o auxiliava nos momentos difíceis de sua vida. Seu guia espiritual nunca o deixava sozinho. Sempre lhe inspirando bons pensamentos, boas resoluções, mantendo-o firme na fé em dias melhores.

Suzana ouvia o que Leonardo dizia com muita atenção. Agora sabia que podia contar com ele para a sua recuperação física e mental. Ele era realmente o amor de sua vida. Não sabia se tinha o direito de pedir para recomeçar mas, algo tinha que fazer para reconquistá-lo se quisesse alcançar um pouco que fosse da felicidade terrena. Se arrependia do que fez, fazendo-o sofrer mas,

precisava daquele ombro amigo com quem poderia compartilhar o remorso pelo crime praticado contra Rafael. Se ela tivesse sido firme, não tivesse deixado se vencer pelas ilusões passageiras, nada teria acontecido de ruim em sua vida. Que Deus me perdoe pelos enganos que cometi, falava apenas com o pensamento. Leonardo era a única pessoa em quem ela confiava para confessar o seu crime sem ser julgada. Precisava confessá-lo para que eles pudessem seguir doravante uma nova vida, de preferência longe dali.

RETORNANDO AO PRESENTE

Alexandre perdera a noção do tempo pois, fora transportado para uma época distante e, revivera uma existência em que Débora fora a pessoa mais importante de sua vida. Voltou a si meio espantado com o que acontecera. Débora estava ali na sua frente boquiaberta com os relatos que ouvira da boca do rapaz. Não sabia o que dizer mas, sentia que era verdade pois, enquanto Alexandre falava, ela começou a sentir emoções variadas que davam a entender que ela fizera parte daqueles acontecimentos. Pois, seu coração palpitava por um amor que nesta vida ela desconhecia. Olhou firmemente para Alexandre e sentiu que o amava, mesmo tendo acabado de conhecê-lo. – Que coisa engraçada Alexandre! - Você falava e, eu ia revivendo tudo dentro de mim. - Acredito piamente que eu fui Suzana. - Não sei explicar mas, trago comigo uma espécie de remorso de algo que eu desconheço pois, nunca fiz mal para ninguém nesta vida. - Somente a reencarnação pode realmente explicar essas coisas. – Por outro lado, apesar de termos acabado de nos

conhecer, sinto por você uma ternura imensa. – Com certeza já vivemos juntos, já nos amamos muito, porque estas reminiscências estão me fazendo muito bem ao coração. – Parece que foi ontem que tudo isso aconteceu. – Sinto que algo diferente despertou dentro de mim. -Eu sou médica, sou prática, sou obrigada a tratar com frieza, não deixando que as emoções atrapalhem o meu trabalho mas, acho que acabo de descobrir o amor que estava contido no fundo do meu ser. – Quer namorar comigo Alexandre? – Quer fazer parte da minha vida? - Acho que podemos formar um bom par, disse Débora sorrindo descontraída. – Se tivemos um passado um tanto triste, podemos agora fazer um futuro feliz.

Alexandre que se interessara por Débora à primeira vista, não relutou em responder sorrindo: - Demorou! – É claro que eu aceito. – Me apaixonei quando te vi aqui sentada sozinha e, por isso, procurei me aproximar. – Não tenho namorada, quero é claro, constituir uma família. – Um homem sem família não pode ser feliz. – Querer viver só para si é egoísmo e, Jesus nos recomendou extirpá-lo do nosso coração. – Não sei como faremos pois, tenho minha vida aqui e você tem sua vida lá na sua cidade. – Precisamos achar um jeito de conciliar nossos interesses profissionais de maneira que o amor possa acontecer de forma plena. – Vamos discutir esse assunto de interesse mútuo em outro lugar. – Você pretende retornar ainda hoje pra sua cidade ou, pode ficar mais um dia por aqui? – Amanhã é segunda feira, dia de pouco movimento na farmácia. – Posso deixar meu ajudante sozinho e sairmos por aí para acertarmos os ponteiros, pois, desta vez não vou deixar você escapar! Disse sorrindo. - Agora são quinze horas, podemos dar

uma passada em minha casa assim, aproveito para apresentá-la aos meus pais e irmãos. – Tenho certeza que também vão se apaixonar por você. – Minha mãe vive me dizendo: Quando vais arranjar uma namorada e se casar para me dar netos Alexandre? Você já está com quase trinta anos e, nunca me apresentou ninguém para essa finalidade. – Vamos fazer minha velha feliz, falou Alexandre, tomando as mãos de Débora entre as suas.

- Tudo bem, meu querido. – Façamos isso, sinto muita falta do carinho de mãe, quem sabe sua mãe possa suprir essa minha necessidade.

Alexandre demonstrava felicidade e, de mãos dadas com Débora, saíram daquele local e, seguiram para a casa do agora namorado. Não tinham nenhuma intimidade ainda mas, o amor fala mais alto e, antes de entrarem no carro, Alexandre estreitou Débora em seus braços dando-lhe um beijo naqueles lábios carnudos que há tanto tempo sonhava com algo desse tipo. Em matéria de namoro, os dois eram invictos. Parece até que se guardaram para esse momento deslumbrante que começava a lhes proporcionar os primeiros raios de felicidade.

NA CASA DE ALEXANDRE

Chegaram à casa de Alexandre e bateram na porta, como se estranhos fossem.

Dona Esmeralda logo apareceu para atendê-los. Quando viu Alexandre foi logo perguntando: - Você se esqueceu da chave meu filho? - Não mamãe, eu apenas quis fazer um suspense. – Quero lhe apresentar a Doutora Débora que veio para a festa do asilo. – Nos conhecemos

e nos apaixonamos à primeira vista. – O que a senhora acha disso? – É a primeira vez que lhe apresento uma namorada mamãe. – Espero que goste dela pois, eu já gosto muito.

Dona Esmeralda abriu um sorriso de felicidade dizendo: - Muito prazer em conhecê-la minha filha. – Seja bem vinda à nossa família. – Tenhas a certeza que uma sogra boa você terá, disse sorrindo. – O prazer é todo meu dona Esmeralda. – Espero poder chamá-la de mãe também, pois, a minha há quatro anos resolveu ir morar com Deus. – Eu estou só no mundo e, hoje fui agraciada com o encontro desse belo jovem, pelo qual me apaixonei à primeira vista. – Ainda bem que foi recíproco. – Nossa atração foi simultânea. – Por isso, hoje eu voltarei feliz para minha casa.

Dona Esmeralda não cabia em si de felicidade. Isso era o que ela mais queria que acontecesse na vida de Alexandre pois, sentia que seu filho sofria de um tipo de solidão que ele tentava esconder da família. – Viviam muito bem, a família se amava e se respeitava mas, de vez em quando via que Alexandre sentia falta de alguma coisa mas, ele guardava só para si. – Com certeza se sentia incompleto. – Era o amor que lhe fazia falta. Agora esse problema estava resolvido.

Sem mais delongas, dona Esmeralda perguntou para a futura nora: - Minha filha, você vai jantar com a gente? – Vou sim dona Esmeralda. – Não só jantar, atalhou Alexandre. – Ela vai passar a noite e almoçar conosco amanhã. – Temos muito que conversar, muitos planos para fazer. – Estamos resgatando um amor secular que precisa ser burilado o melhor possível. – Esse encontro não foi por acaso. – Foi Deus em sua bondade infinita que

nos colocou frente a frente para construirmos juntos um futuro dadivoso. – Por isso precisamos nos amar em plenitude. – Espere minha velha que, um dia seus netos chegarão para realizar os seus sonhos, disse
Alexandre emocionado, dando um beijo no rosto de sua mãe.

Débora se sentia muito bem no seio daquela família pois, todos a tratavam com carinho e respeito.

No dia seguinte, após tomar o café da manhã, Alexandre a convidou para irem até sua farmácia. Queria mostrar o local onde trabalhava para a namorada. Lá poderiam conversar à vontade e começarem a traçar os planos para o futuro.

A farmácia estava localizada no centro da praça da matriz, num prédio da família e, ocupava uma sala ampla e bem arejada. Como era a única na cidade, era uma farmácia bem montada e organizada. Tinha um pouco de tudo que a medicina exigia para o tratamento da saúde dos habitantes. Ele não tinha grandes estoques pois, todo dia ele fazia pedido para a empresa fornecedora de acordo com a necessidade. Assim não corria o risco de medicamentos vencerem a data de validade nas prateleiras e, ele ser multado pela vigilância sanitária.

Débora gostou do ambiente e, um pensamento surgiu em sua cabeça. Ela poderia tentar uma transferência para atender no posto de saúde. Assim, poderia retornar para sua cidade natal e ficar bem próxima do amor de suas vidas.

Alexandre percebeu que ela estava pensativa e foi perguntando: - No que está pensando meu amor? – Tens alguma ideia na cabeça?